

Estudos da Língua(gem)

Práticas contemporâneas de intervenção com a linguagem

Estereotípias motoras no funcionamento multimodal da linguagem: discussões no campo do autismo

Motor stereotypes in multimodal language functioning:
discussions in the field of autism

Estereotípias motoras en el funcionamiento multimodal del lenguaje:
discusiones en el campo del autismo

Renata Fonseca Lima da Fonte

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

RESUMO

Estudar estereotípias motoras a partir do funcionamento multimodal da linguagem de crianças diagnosticadas com Transtorno Autista é um caminho produtivo para pensar as estereotípias como um modo semiótico de constituição da linguagem. Concebemos que o sujeito é constituído na/pela linguagem enquanto instância enunciativa e multimodal. A partir do estudo de caso de três crianças autistas participantes do Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista – GEAUT/UNICAP, este artigo propõe discutir as estereotípias motoras no funcionamento multimodal da linguagem na especificidade do autismo e em contextos interativos de negação. Os dados mostraram que as estereotípias motoras integradas a outros recursos multimodais da linguagem produziram efeito de sentido de negação. Logo, assumiram papel relevante enquanto modo semiótico e enunciativo de sujeitos autistas estarem na linguagem, representando a singularidade do sujeito. Os achados

* Sobre as autoras ver página 140

indicam a possibilidade de as estereotípias motoras ocuparem o lugar de significante na clínica de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Estereotípias motoras; Multimodalidade; Clínica de linguagem.

ABSTRACT

Studying motor stereotypies from the multimodal functioning of the language of children diagnosed with Autistic Disorder is a productive way to think of stereotypies as a semiotic means to language constitution. We understand that the subject is constituted in/by language as an enunciative and multimodal instance. From the case study of three autistic children participating in the Group of Studies and Assistance to the Autistic Spectrum - GEAUT / UNICAP, this article proposes to discuss motor stereotypies in the multimodal functioning of language taking into consideration the specificity of autism and the interactive contexts of negation. The data showed that motor stereotypies integrated with other multimodal features of language produced a sense of negation effect. Therefore, they assume a relevant role as a semiotic and an enunciative way of autistic subjects being in language, representing the singularity of the subject. These findings indicate the possibility of motor stereotypies taking the place of signifiers in the language clinic.

KEYWORDS: Autism; Motor stereotypies; Multimodality; Language clinic.

RESUMEN

Estudiar estereotípias motoras a partir del funcionamiento multimodal del lenguaje de niños diagnosticados con Trastorno Autístico es un camino productivo para pensar las estereotípias como un modo semiótico de constitución del lenguaje. Concebimos que el sujeto está constituido en el / por el lenguaje como instancia enunciativa y multimodal. A partir del estudio de casos de tres niños autistas participantes del Grupo de Estudios e Atendimento ao Espectro Autista - GEAUT / UNICAP, este artículo propone discutir las estereotípias motoras en el funcionamiento multimodal del lenguaje en la especificidad del autismo y en contextos interactivos de negación. Los datos mostraron que las estereotípias motoras integradas a otros recursos multimodales del lenguaje produjeron efecto de sentido de negación. Por ello, asumió un papel relevante como modo semiótico y enunciativo de sujetos con Trastorno Autístico estar en el lenguaje, representando la singularidad del sujeto. Los resultados indican la posibilidad de que las estereotípias motoras ocupen el lugar de significante en la clínica de lenguaje.

PALABRAS CLAVE: Trastorno autístico; Estereotípias motoras; Multimodalidad; Clínica de lenguaje.

1 Introdução

Distanciando-se da concepção médico-clínica tradicional, que tende a negar a possibilidade de linguagem de crianças autistas e, conseqüentemente, seu lugar de sujeito, neste estudo, partimos de uma concepção distinta, considerando que o sujeito autista constitui-se e está na linguagem, conforme defendem Rêgo Barros (2011), Ferreira Junior (2014) e Barros e Fonte (2016).

Os primeiros registros sobre o autismo¹ foram realizados pelo psiquiatra infantil Leo Kanner em 1943. Esses registros tiveram como base as observações de um grupo de onze crianças com faixa etária entre dois e onze anos, que foram atendidas por ele no Johns Hopinks Hospital, Estados Unidos. Em suas observações, Kanner (1943; 1966) constatou características comuns no grupo de crianças, como: alterações na linguagem oral, desde mutismo até atrasos significativos na fala, dificuldade na interação social, uso das pessoas como objetos e de brinquedos de forma não convencional, resistência a mudanças na rotina e no ambiente, assim como estereotípias motoras, que são definidas como movimentos corporais repetitivos sem significado aparente.

Segundo Cunha, Bordoni e Caetano (2015), há dois grupos de sintomas considerados para o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que incluem: prejuízo na interação social e na comunicação, assim como comportamentos repetitivos e estereotipados.

Consideramos que as características sintomatológicas próprias do autismo – prejuízos na interação social, dificuldades no uso da linguagem para a comunicação e estereotípias motoras – são negadas enquanto linguagem a partir de uma concepção tradicional de assistência ao sujeito autista.

Concebemos as estereotípias motoras de um modo diferente, ou seja, enquanto lugar de sentido e como um aspecto peculiar da linguagem da criança autista. Esses movimentos corporais repetitivos, integrados às vocalizações, repercutem no funcionamento multimodal da linguagem, assim como defendem Barros e Fonte (2016) e Fonte e Cavalcante (2018).

Respalhando-nos na perspectiva multimodal da linguagem, em que a gestualidade é integrada às manifestações orais, formando um sistema único de significação, conforme afirmam Kendon (1982; 2000; 2016), McNeill (1985; 2000), Bucher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009), Fonte et al. (2014), Fonte e Cavalcante (2016), entre outros, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso para discutir as estereotípias motoras enquanto possibilidade de linguagem na matriz linguística multimodal.

Para compreender as estereotípias motoras como indício de presença do sujeito autista na linguagem, o *corpus* deste estudo foi constituído de interações registradas no banco de dados² do Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista (GEAUT) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), da Universidade Católica de Pernambuco. A partir desse *corpus*, analisamos as estereotípias motoras e suas relações com os aspectos multimodais da linguagem de crianças autistas.

Estudar as estereotípias motoras na especificidade do autismo pode ser relevante para os fonoaudiólogos, pois, ao conhecerem esses movimentos de

¹ De acordo com publicação da Associação Americana de Psiquiatria, no DSM-5, o termo “autismo” foi substituído pelo termo “Transtorno do Espectro Autista”, pois cada caso, apesar de apresentar manifestações sintomáticas distintas, possui características comuns que o inclui dentro de um espectro que abrange casos com diferentes severidades (TEXEIRA, 2016). Apesar disso, neste artigo, não optamos por utilizar um único termo, pois não é nossa intenção fazer distinção entre os casos analisados para discutir as estereotípias no funcionamento multimodal da linguagem.

² Esse banco de dados foi constituído após aprovação do Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), sob o processo número 012/2012 - CAAE 04020212.8.0000.5206.

linguagem, poderão adequar sua intervenção terapêutica às necessidades peculiares de cada criança e ao momento de interação.

2 Estereotípias motoras

Etimologicamente, o termo estereotípias é composto pelos vocábulos gregos *sterós* (sólido) e *typos* (modelo), que, integrados, significam, em sua essência, um entendimento próprio: padrão rígido e estável. A Classificação Internacional das Doenças, em sua décima edição (CID-10), caracteriza as estereotípias motoras como movimentos intencionais, repetitivos, ritmados, desprovidos de finalidade e sem relação a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado. Esses movimentos podem ser apresentados de formas diversas: balançar o corpo e/ou a cabeça, arrancar e/ou torcer os cabelos, estalar os dedos e bater as mãos.

Segundo Laznik (2004), as estereotípias são evidenciadas em crianças autistas por volta do segundo ano de vida. É importante não confundir os movimentos repetidos próprios do desenvolvimento psicomotor infantil, entre elas, o balanceio da cabeça buscando o equilíbrio em decúbito ventral, o balanceio de braços e pernas em decúbito dorsal, o balanceio do corpo ao se levantar quando sentada e o hábito de sugar, com as estereotípias enquanto sintoma do autismo.

Quanto ao fato da referência à "anormalidade" do movimento, é necessário lembrar que, assim como tiques e hábito motor, por exemplo, não são sinônimos entre si mas categorizações de estereotípias, também não podemos considerar que os comportamentos estereotipados signifiquem, necessariamente, a presença de alguma patologia instalada (HOFFMANN, 1996, s/p).

Na especificidade do autismo, as estereotípias, de acordo com Levin (1995), também conhecidas como movimentos autísticos, não se dirigem a ninguém e clausuram a relação da criança com o mundo exterior. São movimentos vazios, sem limites espaciais. Seguindo essa concepção de movimentos ausentes de significado e sentido, Bueno (2003, p. 155) afirma que "toda conduta estereotipada se produz de maneira independente da consciência do indivíduo, ou seja, considera-se ato automático que não tem significado evidente para o observador, embora possa daí inferir-se que a conduta é um processo de isolamento".

Entendemos que no autismo há um funcionamento de linguagem multimodal peculiar e que as estereotípias motoras são modos semióticos dessa dinâmica da linguagem. Vemos as estereotípias como lugar de sentido, que podem inserir de maneira singular o autista na linguagem, constituindo-o como sujeito.

Admitindo as estereotípias com características de linguagem, seguimos apoiados em Benveniste (2006), para quem a significação é algo próprio da linguagem. Para o autor, significar é ter um sentido atribuído por aqueles que utilizam a língua. Desse modo, ele une a significação à noção de sentido.

Os sentidos na linguagem são produzidos na ordem simbólica, seja ela falada ou não, incluindo os gestos e as expressões faciais (ELIA, 2007). Se significar é ter um sentido para os que fazem uso da linguagem, acreditamos que as estereotípias no autismo significam algo de acordo com o contexto em que surgem.

Segundo Sibemberg (1998), as estereotípias motoras (*rocking* e *flapwing*, por exemplo) são consideradas como sintomas do autismo, que acontecem com a finalidade de os sujeitos autistas estruturarem um mínimo de organização para suas vidas, já que estão impedidos de usar a linguagem e de perceber o mundo da mesma maneira que as outras pessoas.

Os movimentos estereotipados em *rocking* caracterizam-se pelo balanceio ritmado do corpo; já os movimentos em *flapwing* referem-se ao balanceio de mãos como o tamborilar ou como o bater de asas, que, para Levin (1997), estariam relacionados a uma descarga de auto-prazer. No entanto, além de uma descarga de excitação, percebemos esses movimentos repetidos como instância inicial de linguagem, caracterizada por modos semióticos carregados de sentido, confirmando o lugar do sujeito na linguagem.

O sujeito é constituído na/pela linguagem, fruto das relações intercambiáveis entre o 'eu' e o 'tu' no processo enunciativo (BENVENISTE, 2005). O autor entende por enunciação a ação de colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização, que pressupõe pessoas (eu-tu), espaço e tempo definidos, configurando, assim, o quadro enunciativo.

Durante o processo enunciativo, o interlocutor reconhece o outro (locutor) como sujeito a partir dos fragmentos linguísticos, que, para nós, são somados aos fragmentos corporais e gestuais produzidos. Há o 'eu' (locutor), que fala para um 'tu' (interlocutor), que atesta como linguagem as produções peculiares de cada sujeito.

Admitimos um discurso formado por componentes verbais e gestuais que determina e constitui o sujeito. Não há, portanto, o verbo destituído do corpo, pois do corpo partem as primeiras iniciativas para o reconhecimento da linguagem.

3 Matriz multimodal da linguagem

Na perspectiva multimodal da linguagem, o gesto, integrado à produção vocal, constitui uma única matriz de funcionamento linguístico-cognitivo, ou seja, um sistema integrado de significação, sendo gesto e fala indissociáveis, conforme sugerem Kendon (2000; 2009; 2016), McNeill (1985; 1992; 2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009), Fonte et al. (2014), Fonte e Cavalcante (2016), entre outros.

Ao defender gesto e fala como uma matriz única significativa, Goldin-Meadow (2009) propõe que alterações no gesto podem sinalizar desvios na fala. Seguindo o mesmo pensamento, Rowe e Goldin-Meadow (2009) afirmam que o gesto inicial ou a falta dele pode servir como pista privilegiada para indicar atraso de linguagem. Logo, a análise dos gestos pode servir como pista relevante para diagnósticos precoces de possíveis desvios de linguagem.

Adotar uma abordagem multimodal na clínica de linguagem significa conceber a linguagem enquanto funcionamento multimodal, no qual gestos e produção vocal estão numa mesma matriz de significação. Desse modo, o

fonoaudiólogo não deve realizar condutas terapêuticas direcionadas apenas para a produção da fala. A matriz gesto-fala deve ser contemplada no planejamento terapêutico de forma a favorecer um melhor funcionamento da linguagem nos desvios de linguagem (FONTE; CAVALCANTE, 2016).

Concebemos o gesto enquanto aspecto multimodal co-atuante no funcionamento multimodal da linguagem. Logo, seu estatuto não poderia ser considerado pré-linguístico. Neste estudo, defendemos a aquisição da linguagem na perspectiva linguístico-multimodal, conforme os estudos de Fonte et al. (2014) e Fonte e Cavalcante (2016), nos quais a aquisição dos gestos e da fala acontecem simultaneamente, e a complexidade da linguagem oral acompanha as novas aquisições gestuais na trajetória linguística infantil.

Na matriz multimodal da linguagem, gestos e fala são organizados e sincronizados entre si (KENDON, 2000; BUTCHER; GOLDIN-MEADOW, 2000), sendo semanticamente e pragmaticamente coexpressivos (MCNEILL, 2000), pois esses aspectos multimodais da linguagem podem co-atuar para produzir sentido.

Os gestos são definidos como quaisquer movimentos de uma ou mais partes do corpo realizados pelo indivíduo e manifestados espacialmente (LAVER; BECK, 2001), sendo considerados a imagem intrínseca da linguagem, uma vez que gesto e fala são inseparáveis (MCNEILL, 2016). Nas interações cotidianas, há diversos movimentos corporais que são considerados gestos; por isso, o termo deve ser utilizado no plural, conforme sugere McNeill (2000).

Diante de uma criança autista que não apresente oralidade, Barros e Fonte (2016, p. 751) afirmam que “o modo gestual da linguagem surge como aspecto relevante na constituição do sujeito e na significação da linguagem”. As autoras ressaltam que os sintomas característicos do autismo apontados na literatura, como: rejeição ao contato físico, o olhar vago dirigido ao ambiente e as estereotípias motoras, devem ser entendidos como os primeiros modos não convencionais do autista usar a linguagem.

Concebemos as estereotípias motoras enquanto gestos primitivos e peculiares de a criança autista se marcar como sujeito de linguagem, por isso levantamos a necessidade de uma maior compreensão desses movimentos gestuais repetidos para uma intervenção clínica mais apropriada que considere as marcas multimodais da linguagem desses sujeitos.

4 Aspectos metodológicos

Com o propósito de discutir as estereotípias motoras de três crianças autistas, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, a partir da análise de cenas interativas registradas no banco de dados do Grupo de Estudos e Atendimento ao Espectro Autista– GEAUT/UNICAP³. As discussões registradas neste artigo são parte de um estudo desenvolvido no GEAUT. Para assegurar o que recomenda a ética em pesquisa científica, os nomes dos envolvidos nas cenas analisadas são fictícios, protegendo a identidade dos sujeitos.

³ Esclarecemos que a função do grupo não é clínica terapêutica, mas a de realizar atendimento social, possibilitando momentos de convívio entre os pares.

Participavam, periodicamente do GEAUT, estagiários de Letras e de Fonoaudiologia, fonoaudiólogas, pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem e doze crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, cuja faixa etária está entre três e doze anos, subdivididas em quatro grupos com média de três sujeitos por grupo, respeitando-se a idade, o nível do comprometimento e as características sintomatológicas apresentadas.

Os encontros, realizados uma vez por semana com duração aproximada de 30 minutos, objetivavam possibilitar trocas coletivas e promover a linguagem, o desenvolvimento individual e social dos autistas, por meio de atividades lúdicas. Essa possibilidade de abordagem ao sujeito autista já fora discutida por Panhoca e Bagarollo (2007), para quem essa modalidade de atendimento “tem potencial para contribuir com a construção de ‘seres na/da linguagem,’ capazes de vir a se inserir socialmente e de co-construir a própria história de vida” (PANHOCA; BAGAROLLO, 2007, p. 121).

Para a análise das estereotípias motoras numa perspectiva multimodal, utilizamos o software *EUDICO Linguistic Annotator* (ELAN) para transcrição dos dados, pois essa ferramenta favorece o registro dos aspectos multimodais da linguagem, como olhar, gestos e vocalizações, por exemplo, no tempo exato de sua ocorrência. Desse modo, o *corpus* deste estudo foi constituído de fragmentos cujo conteúdo apresentava estereotípias motoras acompanhadas ou não de produção vocal em contexto de negação.

A criança 1, doravante Caio, possui cinco anos. Em relação à linguagem, realiza vocalizações, movimentos corporais, expressões faciais, olhares e estereotípias motoras durante a interação. A criança apresenta rara iniciativa de interação com as pessoas e demonstra bastante interesse por objetos, possuindo o hábito de manuseá-los, colocá-los na boca e mordê-los.

Hugo, a criança 2, possui três anos de idade e apresenta atraso no desenvolvimento de linguagem, caracterizado pelas vocalizações, neologismos e gritos aleatórios. Realiza estereotípias motoras e tem dificuldade em usar os brinquedos de forma convencional e de se concentrar nas atividades do grupo.

A criança 3, Igor, possui quatro anos de idade. Em relação a sua linguagem, produz enunciados, realiza gestos, expressões faciais e estabelece contato visual com o interlocutor, mas não sustenta por muito tempo o olhar mútuo na interação. Além disso, apresenta estereotípias motoras e, em alguns momentos, fala ecológica.

5 Discussões em torno das estereotípias motoras

Nesta seção, analisaremos cenas interativas em contextos de negação, com a participação da criança autista em cada uma delas. A partir dessas cenas, buscamos compreender as estereotípias motoras enquanto gestualidade peculiar e indício da criança autista na linguagem.

CENA INTERATIVA I: Caio pula na cadeira, sendo repreendido pela fonoaudióloga Iara. Mas, a criança não atende Iara.

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Gestual	Plano Verbal/ Prosódico	Plano do Olhar
Iara	00:03:36.243	00:04:11.267	Caminha em direção à criança	Issu não é pula-pula, Caio. Eu mandei parar! Intensidade vocal forte	Enfático e direto à criança
Caio	00:04:11.267	00:05:01.113	Gira o corpo de um lado para o outro		Desvia do olhar de Iara

Fonte: Elaboração das autoras

Na cena interativa I, os planos multimodais privilegiados pela criança foram o plano gestual a partir da estereotipia motora caracterizada pelo movimento de girar o corpo de um lado para o outro e o plano do olhar, no qual evidencia-se o desvio de Caio do olhar de Iara.

Se a conduta terapêutica estiver pautada na concepção tradicional de assistência ao autista, na qual a linguagem oral é vista como modalidade primordial de produção de sentido, as estereotípias motoras e o olhar ausente seriam considerados sintomas específicos do transtorno, sendo negados como linguagem. Desse modo, Caio, que apresenta mutismo, não teria linguagem nem o seu lugar de sujeito.

No sentido de uma possibilidade de linguagem que inclua o que se desvia, instauramos nosso olhar a partir da suposição de um falante-ouvinte não ideal, comum à clínica fonoaudiológica. Nessa perspectiva, o sintoma de linguagem é percebido, de acordo com Surreaux (2008), a partir da noção que o considera como manifestação linguageira própria do sujeito.

A integração entre a estereotipia motora e o movimento de desviar o olhar vinculado a um contexto interativo apresenta uma sincronia temporal e uma coerência semântica atrelada ao sentido de negação. Desse modo, o fonoaudiólogo precisa reconhecer o sujeito de linguagem para encontrar sentido de negação nesses aspectos multimodais da linguagem.

Na enunciação não há forma certa ou errada de se enunciar, mas o entendimento de que o sujeito se marca na linguagem ao se apropriar e fazer uso dela de maneira singular. Reconhecemos a estereotipia motora e o desvio do olhar enquanto possibilidade de linguagem, que, no contexto específico, estão carregados de sentido negativo.

CENA INTERATIVA II: Hugo encontra-se chorando após um conflito com outra criança.

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Gestual	Plano Verbal/ Prosódico	Plano do Olhar
Rebeca	00:06:14.101	00:07:12.275	Caminha em direção a Hugo	Passou, passou. Vamos brincar com esse boneco aqui? Intensidade fraca	Questionador e direto à criança
Hugo	00:07:12.275	00:08:16.293	Balança o corpo para frente e para trás, coloca a mão no rosto e esconde os olhos	Aaaaah Acompanhado pelo choro	Direto à Rebeca

Fonte: Elaboração das autoras

Na cena interativa II, Hugo marca seu lugar na linguagem a partir da estereotípia motora, caracterizada pelo balançar seu corpo para frente e para trás, associada à ação de colocar a mão no rosto. Essa estereotípia assumiu o papel do gesto de negação, pois surgiu como resposta ao convite da fonoaudióloga: “Vamos brincar com esse boneco aqui?”.

Vale salientar que a estereotípia motora aconteceu na dinâmica multimodal da linguagem, ou seja, em sincronia temporal com a vocalização “aaaah”, presente no choro.

Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, como a de Bechara (2009), encontramos explicações sobre o “não”, classificando-o como um advérbio que expressa negação, recusa, incerteza ou dúvida. Entretanto, o “não” também pode ser um substantivo masculino, utilizado com função de sujeito de uma oração ou como marca enunciativa de um sujeito.

No entanto, o sentido de recusa que acompanha o signo “não” também pode ser estabelecido por significantes presentes nas expressões corporais. As mais comuns são o meneio da cabeça ou dos dedos. Tomando por base algumas pesquisas referentes à universalidade do “não”, Benitez-Quiros et al. (2016), em seu artigo intitulado *The not face*, afirmam que, quando estão negando, todas as pessoas movem os mesmos músculos da face, o que nos leva a fazer a mesma expressão de negação. Os pesquisadores constataram que há três movimentos musculares idênticos: franzir as sobrancelhas, em uma expressão de “raiva”; erguer o queixo, simbolizando “repugnância”; pressionar os lábios, tendo valor de “desprezo”.

Todavia, no autismo parece haver uma diferença na expressão corporal do “não”, sendo as mais comuns: o desvio do olhar (cena I), o esconder os olhos com as mãos (cena II) e o fechar os olhos (cena III, a seguir).

Essa observação se contrapõe ao que propõem os manuais sobre o autismo ao tratarem o desvio do olhar como uma característica do autista, mas não como uma recusa do sujeito.

CENA INTERATIVA III: Igor encontra-se chorando, pois, a criança do lado está agora brincando com a sua peça do quebra-cabeça

	Tempo Inicial	Tempo Final	Plano Gestual	Plano Verbal/ Prosódico	Plano do Olhar
Igor	00:02:05.422	00:03:02.217	Balança as mãos e os braços - <i>Flapping</i>	Aaaaah Choro	Olhos fechados
Rebecca	00:03:02.217	00:04:04.501	Acaricia o braço da criança	Deixa ele ficar um pouquinho brincando Vamus brincar com essi aqui? Intensidad e fraca	Questionador e direto à criança
Igor	00:04:04.501	00:05:01.342	Balança as mãos e os braços - <i>Flapping</i>	Aaaaah Não! Eu não queru essi!	Direto à Rebeca

Fonte: Elaboração das autoras

A cena interativa III teve a participação de Igor, que usa diferentes aspectos multimodais da linguagem ao se enunciar no contexto de insatisfação, caracterizado pelo desejo de um brinquedo que estava com outra criança.

No primeiro momento, Igor realiza estereotípias motoras de balançar as mãos e braços, conhecidas como *flapping*, vocaliza “Aaaaah” e chora com os olhos fechados. O conjunto desses aspectos multimodais poderia configurar um quadro de condutas autísticas desvinculado de um contexto dialógico. No entanto, Rebeca reconhece a criança como sujeito de linguagem, ao encontrar sentido de insatisfação da criança nesses planos multimodais. Diante disso, Rebeca sugere brincar com outro objeto, que é negado pela criança, que se enuncia na cena interativa ao reproduzir o movimento estereotipado do *flapping* integrado ao enunciado verbal: “Não! Eu não queru essi!”. Constatamos a incorporação do plano verbal na constituição multimodal da linguagem.

Distanciamos-nos da concepção médico-clínica tradicional de que as estereotípias no autismo restringem-se a movimentos corporais repetitivos sem fins comunicativos. Percebemos as estereotípias enquanto gestualidade coatuante no contexto interativo, pois constitui a matriz de linguagem.

A mudança de percepção de sentido das estereotípias no autismo, retirando-os do lugar de indicadores de isolamento para atribuir-lhes concepção

negativa a uma resposta do meio, aponta para a entrada ou permanência do sujeito na linguagem contribuindo para que o movimento tido outrora como repetitivo, sem contexto e significação, faça parte da clínica fonoaudiológica como elemento a ser considerado em direção à estruturação da linguagem.

6 Considerações finais

Ao discutir a estereotípiia motora característica do autismo como constituinte do funcionamento multimodal da linguagem, constatamos que essa gestualidade peculiar pode marcar o lugar da criança na linguagem.

A estereotípiia motora realizada por crianças autistas precisa ser pensada para além de um sintoma, pois é uma possibilidade de linguagem, sendo significativa para o entendimento do interlocutor em relação ao contexto único e irrepetível da enunciação. Dessa maneira, concebemos as estereotípiias motoras como linguagem que produz sentido a partir do contexto enunciativo e contribuem à constituição dos sujeitos autistas.

É fundamental pensar nas estereotípiias motoras como gestos primitivos que poderão servir de pistas para diagnóstico precoce de possíveis atrasos de linguagem secundário ao autismo, mas também como um recurso de linguagem, que poderá ser compreendido e (re)significado pelo fonoaudiólogo a partir do contexto enunciativo com vistas para a estruturação da linguagem da criança autista na intervenção terapêutica.

Logo, compreender as estereotípiias motoras como gestualidade peculiar e primitiva no processo de aquisição da linguagem nos casos de autismo é considerar o modo singular de funcionamento subjetivo de crianças autistas, o que é primordial para que a intervenção dos fonoaudiólogos possibilite a promoção, a reorganização e a constituição da linguagem multimodal dessas crianças, contribuindo para a saída do isolamento autístico.

REFERÊNCIAS

- BARROS, I. B. R. **Da linguagem e sua relação com o autismo**: um estudo linguístico saussuriano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem. 2011. 73f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- BARROS, I. B. R.; FONTE, R. F. L. Estereotípiias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, n. 4, Belo Horizonte, out./dez. p. 745-763, 2016.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENITEZ-QUIROZ, C. F; WILBUR, R. B.; MARTINEZ, A. M. The not face: A grammaticalization of facial expressions of emotion. **Cognition** 150, p. 77-84, 2016.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5 ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005. 387 p.

_____. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006. 294 p.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to two-word speech: when hand and mouth come together. In: MCNEILL, D. (Ed.). **Language and Gesture**, Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 235-257.

BUENO, J. S. Cegueira e estereótipias. In: MARTÍN, M. B.; BUENO, S. T. (Org.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. Trad. Magali de Lourdes Pedro. São Paulo: Santos, 2003. p.153-160.

CAVALCANTE, M. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações**, Recife, v. 21, p. 153-170, 2009.

CUNHA, G. R.; BORDINI, D.; CAETANO, S. C. Autismo, transtornos do espectro do autismo. In: CAETANO, S. et al. (Org.). **Autismo, Linguagem e Cognição**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 13-24.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 80 p.

FERREIRA JÚNIOR, J. T. **A criança autista na/pela linguagem: da categoria de pessoa à singularidade do sujeito no processo de enunciação**. 2014. 179 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FONTE, R. et al. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: RÉGO BARROS, I. et al (Org.). **Aquisição, desvios e práticas de linguagem**. Curitiba: Editora CRV, 2014. p. 11-26.

FONTE, R. F. L.; CAVALCANTE, M. C. B. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTENEGRO, A. C.; RÉGO BARROS, I; AZEVEDO, N. (Org.). **Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática**. Curitiba: Appris, 2016. p. 205-225.

_____; _____. Gestos dêiticos e atenção conjunta nas especificidades do autismo: uma abordagem multimodal. In: ÁVILA NÓBREGA, P. V. (Org.). **Nuances da Linguagem em Uso**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. p. 159-299.

GOLDIN-MEADOW, S. How Gesture Promotes Learning Throughout Childhood. **Child Development**. v. 3, n. 2, p. 106-111, 2009.

HOFFMANN, S. B. **Estereótipias na infância**. Porto Alegre – RS, 1996. Disponível em: <http://www.diversidadeemcena.net/artigo21.htm>. Acesso em: 10 dez. 2015.

KANNER, L. **Autistic Disturbances of affective contact**. Nervous Child, New York, v.2, p.217-250, 1943.

_____. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966. 747 p.

KENDON, A. The study of gesture: some remarks on its history. **Recherches sémiotiques/semiotic inquiry**, 2, p. 45-62, 1982.

_____. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL, D. (Ed.) **Language and gesture**, Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

_____. Language's matrix. **Gesture**, n. 9, v. 3, p. 355–372, 2009.

_____. Reflections on the “gesture-first” hypothesis of language origins. **Psychonomic Bulletin & Review**, 2016; 24(1): 163–170.

LAVIER, J.; BECK, Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: CAVE, C.; GUAITELLA, I. (Org). **Interactions et comportement multimodaux dans la communication**. Paris, L'Harmattan, 2001. p. 46- 63.

LAZNIK, M. C. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Trad. Cláudia Fernandes Rohenkol et al. Salvador, BA: Ágalma, 2004. 211 p.

LEVIN, E. **A Clínica psicomotora**: o corpo na linguagem. Trad. Julieta Jerusalinsky. Petrópolis: Vozes, 1995. 341 p.

_____. **A infância em cena**: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor. Trad. Endlich Orth e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 285 p.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? **Psychological Review**. v. 92, n.3, p. 350-371, 1985.

_____. **Hand and Mind**: What Gestures Reveal About Thought. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992. 409 p.

_____. Introduction. In: _____. (Ed.). **Language and Gesture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 1-10.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID-10 - **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10. ed. rev. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

PANHOCA, I.; BAGAROLLO, M. F. Sujeitos autistas em terapêutica fonoaudiológica grupal. In: GUARINELLO, A. C. et al. (Org). **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007. p. 121-137.

ROWE, M.; GOLDIN-MEADOW, S. Early gesture selectively predicts later language learning. **Developmental Science**, 12: 1, p. 182-187, 2009.

SIBEMBERG, N. Autismo e linguagem. **Escritos da criança**, Centro Lydia Coriat, n° 5, Porto Alegre: Linus Editores, 1998. p. 60-71.

SURREAUX, L. M. **Sobre o sintoma de linguagem na clínica de linguagem**. In: GRAÑA, C. G. Quando a fala falta: fonoaudiologia, linguística e psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

TEIXEIRA, G. **Manual do autismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2016. 91 p.

Recebido em janeiro de 2019.

Aprovado em fevereiro de 2019.

Publicado em março de 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Renata Fonseca Lima da Fonte é fonoaudióloga, doutora em Linguística e mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2011). É professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Desenvolve pesquisas voltadas para aquisição, distúrbios e especificidades de linguagem, com foco de interesse nos temas: multimodalidade, cegueira e autismo.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3407-4409>.

E-mail: renata.fonte@unicap.br.

Isabela Barbosa do Rêgo Barros é fonoaudióloga, doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. É Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (PPGCL/UNICAP). Desenvolve pesquisas voltadas para o processo de aquisição, desenvolvimento e distúrbios de linguagem, com foco de interesse nos temas: síndromes neurológicas, transtornos psiquiátricos e déficit cognitivo.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0123-7670>.

E-mail: ibelabarros@gmail.com.